

# A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

Os trabalhos da rede telefónica recomeçam na próxima segunda-feira, dia 3.

## A Penha

Tem sido reparada a nossa resolução de transcrever o artigo do distinto tuberculologista portuense, Dr. António Ramalho, referente à nossa linda Penha. E até alguns camaradas da imprensa nos temem increpado por este facto, achando divergência entre a atitude presente e a opinião que nós antes mantivêramos.

Temos pelos ilustres colegas da imprensa que nos censuram a maior consideração, mas julgamos no direito pleno de lhes afirmar que o seu juízo a nosso respeito carece de fundamento.

Nunca deixaremos de colocar-nos na vanguarda de qualquer movimento tendente ao progresso e engrandecimento de Guimarães, seja qual for o campo em que tenhamos de trabalhar.

Mantivemos sempre e continuaremos na mesma ordem de ideias, a opinião de que é necessário um movimento colectivo, decidido, um esforço sincero de todos para transformar a encantadora montanha da Penha em um atraente local de turismo capaz de conquistar a preferência de todas as pessoas.

É necessário que a obra sublime da natureza que dali fez um grandioso monumento a impôr-se à admiração do mundo inteiro, seja completada pela mão do homem.

Isso porém não quer dizer que o nosso sectarismo nos leve à deshumanidade, à não concordância com uma obra de assistência que se torna absolutamente necessária para Guimarães, onde, forçoso é confessá-lo, são incomparavelmente mais os que precisam de quem vele pela sua saúde do que as pessoas a quem não escasseiam recursos nem condições orgânicas para o gôso, para as diversões, para os folguedos.

Admitir que a assistência é incompatível com o turismo é um absurdo. E nós, que na defesa da Penha, na luta pelo seu engrandecimento não precisamos das lições de ninguém, não temos que penitenciar-nos porque patrocinamos a opinião de que deve associar-se a assistência ao turismo.

Em toda a parte onde se faz turismo a valer, se encontra perfeitamente organizada a assistência que foi a sua base.

Porque não há-de ser assim na Penha?

Porventura o recinto é tão acanhado que não nos permita uma obra que se é grandiosa pelo turismo, será monumental, sublime, digno de toda a admiração pela assistência?

Sejamos mais calmos nas nossas apreciações e mais humanitários nos nossos intentos e numa união estreita e sincera faremos da Penha um verdadeiro monumento, atraente, sedutor, capaz de conquistar a preferência dos nossos visitantes.

Um Herói Vimaranesense

### Capitão Alfredo Guimarães

Porque muita gente ficou admirada de à Avenida que liga o cimo dos Palheiros a S. Pedro de Azurei se chamar «Avenida Alfredo Guimarães», resolvemos transcrever da Revista «Guerra» partes de um artigo do sr. Tenente-Coronel Francisco Aragão — o herói de Naulila — subordinado à epigrafe *Um cavaleiro na Flandres*.

«Conheci com intimidade Alfredo Guimarães que foi do meu curso na Escola de Guerra e a quem me prenderam depois os laços da melhor camaradagem na aviação. E nas longas conversas que tive-mos na pista de Vila Nova da Rainha e no meu quarto da Escola — que pouco a pouco se transformara no club mais concorrido do campo — senti bem todo o desejo que o consumia de se bater, de honrar os compromissos que espontaneamente tomara — aqueles que bem cabiam a todos os oficiais do activo —, inabalável na sua resolução de chegar até a frente fosse como fosse, desse por onde desse. Era então seu instrutor — e logo passados os primeiros dias de voarmos juntos o desenganei, dizendo-lhe com amigável franqueza o que até aí outros lhe tinham escondido, também por amizade. Era uma pessoa fisicamente incompatível com o serviço da aviação para o qual, aliás, lhe sobejaram tantas qualidades morais, não tinha o sentido do equilíbrio e os seus reflexos ou tomavam a forma de movimentos desoladoramente lentos e vagarosos, ou se manifestavam, abruptamente, de forma excessivamente violenta e impetuosa. Guimarães decidiu, então, fazer-se observador, se bem que, em França, não desistisse, ávido, de obter o seu «brevet» de piloto. Para lá foi pouco depois com a Aviação e nela se manteve enquanto conservou a esperança de que as esquadilhas portuguesas aparecessem no novo sector. Malograram-se breves as esperanças.

Conhecia no batalhão do 29, que, comandava essa lendária figura de soldado que é o Coronel Xavier da Costa, um dos comandantes de companhia — o Júlio da Costa e Almeida de quem era grande amigo — e por intermédio dele entrou para o serviço da brigada do Minho — onde a principio foi recebido pelos soldados com mostras de acentuada desconfiança! Trajava o uniforme de coiro preto da aviação, desconhecido nas trincheiras e, como era louro e vermelho, quizeram vêr no seu traje original um disparfar propício a ocultar o papel de espião!

Estava no apoio quando se iniciou o bombardeamento formidável que precedeu o ataque do dia 9. E é já sob a acção terrivelmente destruidora desse bombardeamento que avança com o seu pelotão para a frente — a reforçar as forças do 8 de infantaria que guar-

neciam as trincheiras da 1.ª linha. Aí resiste e luta até à aproximação dos alemães, conseguindo retirar, sempre perseguido pelo fogo dos atacantes que lhe abateu muitos dos seus soldados. Mas a sua energia, — que a excitação da luta torna dura e inexorável —, manteve ordenadamente a retirada que se estende até ao posto de comando do batalhão. Lá encontra, impassível perante o esfacelar da brigada, que se apresenta, o intrépido comandante do 29, e dele recebe, com palavras de incentivo e de louvor, 20 soldados que logo o acompanham e que ele arrasta, através da chuva de granadas e de balas, até aos postos de apoio. Quando uma hora depois de lá volta, está ferido e o sangue já lhe ensopa a camisa e a farda; mas as suas primeiras palavras para o comandante não são de desânimo, nem de renúncia — pede-lhe de novo soldados para contra-atacar o inimigo! Nem os tinha já o Major Xavier da Costa que via fundidos com a metralha ou soterrados nos abrigos os 500 homens do efectivo que o batalhão contava...

Guimarães é mandado acompanhar à brigada — para ser devidamente pensado e evacuado. E consegue chegar vivo a Laventie. A entrada da rue de l'Enfer junto ao «estaminet» que os nossos chamam da «Palha» reconhece, ocupada por portugueses e ingleses, uma trincheira. E já não pensa no ferimento, nem no penso, nem no posto de socorros. Insistem para que se retire, mas recusa-se a fazê-lo e ali fica a afrontar mais uma vez a morte — que já tanto e tanto o respeitara...

Não podes saber como caiu para sempre «o cavaleiro do 29» e a sua campa, que foi posteriormente encontrada, não conta das horas belas da luta que sustentou e dos momentos dolorosos de sofrimento e de angústia que viveu. Mas a energia indomável com que cumpriu o seu dever e se excedeu cumprindo-o até morrer, a determinação com que lutou marchando duas vezes, para a metralha a seu pedido e vendo recusado o seu terceiro oferecimento quando, já ferido, o renovava, e a espontânea decisão com que se junta aos últimos elementos de defesa junto de Laventie, falam bem alto do ardente espírito de lutador que sempre conservou através de todas as duras circunstâncias desse seu último dia de vida.

«... como o louvor que mereço e acompanha a sua promoção por distinção, sinto que todos ambicionam dia, tão nobremente como ele, as palavras sóbrias mas sentidas que glorificam os seus feitos e as altas recompensas que arrancou «da grande luta» às mãos aváras do Destino.

«Promovido por distinção ao posto a seguir indicado, contando a antiguidade desde 9 de Abril de 1918 e conjuntamente condecorado com o grau de oficial da Ordem de Torre Espada, do Valor, Lealdade e Mérito e com a Cruz de Guerra de 2.ª classe o

Rua Dr. José Sampaio

É esta rua uma das mais dignas do nome que representa e também das mais formosas e alegres da cidade.

A dois passos do centro da cidade, ela nos conduz até á encantadora Penha.

Não obstante, os seus passeios encontram-se num lastimável estado, sendo quasi impossível, principalmente no inverno, transitar por eles.

A' Ex.ª Câmara, que tão interessante se tem mostrado pelos melhoramentos citadinos, lembramos a grande conveniencia de ordenar a reparação dos referidos passeios, substituindo-lhes a terra e a calçetaria pelo cimento.

Assim ficaria obra limpa, duradora e uniforme deixando de nos envergonhar perante quem nos visita.

### Pela Penha

A nossa encantadora estancia da Penha já tem mais um melhoramento a formosé-la — o Bar Touriste — instalado com todas as comodidades.

A sua inauguração foi no domingo passado, sendo extraordinária a concorrência de *touristes*, que desta cidade e outras localidades, ali foram passar o dia, sendo-nos afirmado que todas as criaturas que se utilizaram do Bar-Touriste — retiraram bem impressionados, não só pela modicidade de preços, mas também pela maneira cativante com foram recebidos.

No principio de Setembro, serão inaugurados mais dois melhoramentos de importância — a luz electrica e a carreira diaria de camionete — entre esta cidade e aquela formosa estancia.

Tenente de cavalaria Alfredo Guimarães,

«porque achando-se voluntariamente a fazer serviço no Batalhão de infantaria n.º 29, como comandante de um pelotão, por ocasião da Batalha do 9 de Abril, deu provas de ótimas qualidades de oficial, desempenhando com notável coragem e energia todos os serviços de que o incumbiram, retirando das linhas da frente, que fôra reforçar só quando não tinha homens para comandar, apresentando-se no comando do batalhão onde organizou um pelotão para contra-atacar, cobrindo por último, a defesa de Red-House, onde foi ferido, retirando depois deste e apesar de ferido para as linhas de resistência à rectaguarda de tropas inglesas, onde combateu até ser morto, revelando sempre extraordinária coragem, valor e sangue frio».

Major F. Aragão.

**Bispo de Angra do Heroísmo**

Pela Santa Sé foi eleito Bispo de Angra do Heroísmo, o Rev.<sup>mo</sup> Sr. Dom Guilherme Augusto Inácio da Cunha Guimarães.

Filho ilustre de Guimarães, nobilíssimo character, alma generosa, coração diamantino sempre aberto ao bem, o virtuoso sacerdote tem sabido marcar, pela austeridade da sua vida, pelo seu relevante talento e grande inteligência, pelo seu nobre espírito trabalhador, um lugar de destaque no digno Clero Português.

Com uma cativante modéstia tem Sua Rev.<sup>ma</sup> ocultado sempre o fulgor do seu talento na espinhosa e humilde missão paróquial, onde tem sabido conquistar uma profunda admiração e um religioso respeito.

A ascensão de Sua Rev.<sup>ma</sup> ao Episcopado representa uma justiça feita às suas belas qualidades e uma glória para Guimarães que justamente se orgulha de tão dilecto filho.

Justas são todas as homenagens que hoje Guimarães presta ao bondoso Sacerdote, às quais nos associamos de todo o coração, apresentando a Sua Rev.<sup>ma</sup> as nossas efusivas saudações.

**Grande Peregrinação a Nossa Senhora de Lourdes na Penha em 9 de Setembro de 1928.**

Presidirá a Peregrinação o venerando Prelado de Angra, que lançará a bênção aos peregrinos da frontaria do templo dos Santos Passos e dará a bênção do SS.<sup>mo</sup> Sacramento no alto da formosa montanha.

**Programa:** — Dias 6, 7 e 8 — Tríduo preparatório, às 7 horas da tarde na igreja dos Santos Passos, constando de exposição, terço, prática e bênção do Santíssimo.

Em 8, á noite, haverá confesores para homens em S. Pedro.

Às 9 1/2 horas, Procissão das velas, que sairá do Templo dos Santos Passos, recolhendo no de S. Francisco.

A montanha nesta noite será iluminada profusamente, sendo queimado um vistoso e lindíssimo fogo de Artificio.

Dia 9 — Missas rezadas e Comunhão Geral às 6 horas, na Oliveira, Carmo, S. Pedro, S. Francisco e outros templos.

Às 8 1/2 horas, organização da Peregrinação no Campo da Feira, seguindo depois por S. Dâmaso, Largo do Prior do Crato, D. Afonso Henriques, 31 de Janeiro, Trinas, Martins Sarmiento, Cano, Arcela e Estrada da Penha.

Em Belos-Ares associam-se numerosas freguesias de Fafe e Felgueiras, com S. Torcato, Atães, S. Romão e outras. Chegando á Penha, Missa Campal, alocação e bênção do SS.<sup>mo</sup> Sacramento.

Horário dos comboios extraordinários — Combóio ascendente — Partirá de Louzadô ás 7,00; Chegada a Guimarães ás 8,30; Combóio descendente — Partirá de Fafe ás 7,35; Chegada a Guimarães ás 8,26.

Efectuam-se comboios extraordinários para regresso, partindo de Guimarães ás 18,45; Chegada a Louzadô ás 20,00. Partida de Guimarães ás 18,00; Chegada a Fafe ás 19,01.

**Nas Caldas das Taipas**

**O festival a favor Casa dos Jornalistas do Porto**

Foi brilhante e cheia de entusiasmo esta festa promovida por uma Comissão de Hospedes do Hotel das Termas.

O parque do Hotel ostentava uma linda e artistica decoração a que emprestavam todo o encanto as gentilissimas senhoras que tomaram parte no festival.

O torneio de tiro aos pombos, que dirigiu o sr. Batista de Sá, teve uma regular concorrência de atiradores e uma numerosa e elegante assistência.

O sr. Batista de Sá ofereceu gentilmente a sua medalha e um prémio para os atiradores e dois artisticos objectos para brindar as senhoras que tomaram parte nas festas e assistiram ao torneio e que couberam ás Ex.<sup>mas</sup> Srs.<sup>as</sup> D. Maria Amélia Teixeira da Mota e D. Isabel Ferreira de Sousa.

Os prémios do torneio foram assim distribuidos:

- 1.º prémio: José Braga, das Taipas, 7/7; 2.º, Alberto Correia, de Pevidem, 10/11; 3.º, Anibal Lopes, de Braga, 10/12; 4.º, Américo Barbosa, de Braga, 9/12; 5.º, Dr. Pedro Carvalho, de Braga, 8/10; 6.º, Custodio Braga idem, 7/10; 7.º João Paulo Mexia, das Taipas, 6/8; 8.º, Alfredo Correia, de Pevidem, 9/10 e 9.º, João Lopes de Braga, 8/10.

A concorrência ao Parque foi enorme, tanto da colonia aquista e da gente da localidade como de frequentadores de Vizela e moradores de Guimarães, Braga, etc. Os automoveis e as «camionetes» de passageiros formavam extensas filas junto do Parque, que ostentava uma iluminação caprichosa e varias barracas lindamente decoradas, onde gentis senhoras, vestidas á moda do Minho, serviam buliçosa clientela. Essas barracas eram as seguintes:

**De chá:** servida pelas sr.<sup>as</sup> D. Maria Amélia Teixeira da Mota, D. Maria Tereza Teixeira da Mota, D. Maria Santos Rodrigues.

**De roleta:** D. Josefina Mendes, D. Adelaide Oliveira.

**Bazar:** D. Violinda Crespo, D. Maria de Lourdes Sampaio, D. Elvira de Souza.

**Caldo verde:** D. Maria José Teixeira de Barros, D. Domingas Crespo, D. Noemia Crespo.

**Refrescos:** D. Ana Jacinto, D. Maria Emilia Meireles, D. Maria Amélia Lima, D. Fernanda Leite Guimarães.

**Dos Patos:** D. Maria Adelaide Ferreira de Souza; D. Isabel Ferreira de Souza.

**Dóces e tabacos:** D. Virginia Tavares, D. Irene Tavares.

Noutra barraca, tambem muito pitoresca, lia a *buena-dicha*, (num encatador trajo de cigana) a Sr.<sup>a</sup> D. Aida dos Santos Cunha.

Foi interessante a animação que a Associação dos Empregados do Comercio de Guimarães transmitiu á festa. O seu bailarico despertou um verdadeiro delirio na assistência que saudou os animados e simpaticos rapazes.

A distribuição dos prémios teve lugar no Hotel das Termas, fazendo o sr. Batista de Sá um brilhante discurso nessa ocasião.

A banda dos Bombeiros das Taipas executou as melhores peças do seu repertorio.

**Capitão Malaquias de Sousa Guerra**

De Basto, onde esteve de visita á sua Ex.<sup>ma</sup> familia, já regressou a esta cidade o nosso presado amigo e correligionário, sr. Capitão Malaquias de Sousa Guedes.

Apresentamos os nossos cumprimentos.

**UM COMUNICADO E PERAS**

Há dias appareceu no «Ecos» um extenso comunicado que era assinado por António Fertosinhos e outros, intitulados grandes industriais lá para os lados das Taipas.

Conhecemo-los de gingeira a todos, que afinal não passam de parentes e operários do sr. António Fertosinho, que como êle são criados ás ordens de um conhecido e famoso trauliteiro a quem vão brindando com patuscadas, copos de vinho e tabaco e assinando inconscientemente o que êle quer escrever.

Como porém a impunidade não é permanentemente admissível, êles lá vão ao tribunal receber o prémio das suas torpezas.

E por isso nós, para não fazer insinuações que possam perturbar a acção da Justiça, deixaremos-lhe entregue o assunto.

Para pôr termo ao caso limitamos-nos a afirmar ao sr. Fertosinhos, aos seus colegas e ao célebre mentôr que é absolutamente verdade que não há unidade de vistas entre êles e os proprietários dos terrenos marginaes do Ave.

E temos dito.

**Feira da ladra**

Assim podemos chamar á praça do mercado da nossa terra, depois que passaram pelas cadeiras da Câmara os *económicos* de triste memória.

Os olheiros municipais deixaram de olhar para os abusos das regateiras, das sardinheiras, dos tendeiros de fora e do garotio de dentro; os fiscaes deixaram tambem de fazer cumprir o «código de posturas» e a lei do descanço, porque as *ordes* eram *ordes*; a policia e a guarda foram dispensadas para vigorar o arbitrio e as regateiras brigarem e vociferarem á vontade.

Conclusão: tripudiados pelos srs. dos interesses... *económicos*, e apreciados pelos estranhos como terra de pretos-brancos sem rei nem Roque.

**Pelas Taipas**

Há tempos a esta data que esta linda povoação, bem digna de melhor sorte, vem dando que falar, pela agitação constante em que por lá se vive.

Parece que se constituiu ali um grupo cujo único empenho é manter a desordem, fomentar o desasociego dos habitantes, acostumados desde longa data a uma encantadora tranquillidade.

Por varias vezes temos apelado para quem de direito, pedindo providências para que desapareça de vez aquele estado de excitação. Tudo inútil. Gosando a impunidade, os autores das desordens vão dia a dia refinando. Assim é que depois de uma série de provocações, insultos, ameaças com arma de fogo; depois de uma tentativa de assassinato a tiro de pistóla, em pleno dia e no centro da povoação, de que foi autor um tal Alexandre da Costa e Silva, surgiu-nos agora o assalto e agressão traioceiras praticadas por Domingos Gonçalves e José Gonçalves (os Barrocas) e José da Silva (o Coxas), de que foi vítima Joaquim Martins, empregado da filial da Padaria do sr. Eduardo Guimarães, que recolhia socegradamente a sua casa e que no Largo do Conde de Agrolongo recebeu graves ferimentos na cabeça e no rosto e se viu privado do seu relógio e corrente e 545.000, em dinheiro.

O caso provocou grande indignação entre as pessoas que pre-

**Capitão Souza Guerra**

De S. Tomé foi transferido para o Funchal, este nosso querido amigo e valioso correligionário, que naquela colônia se encontrava deportado por motivo dos acontecimentos de 3 de Fevereiro do ano passado.

«A Velha Guarda» faz votos pelo seu breve regresso e saudá-o calorosamente.

**Ao «Conquistador»**

Já Victor Hugo escreveu que «a primeira virtude é lembrarmos dos outros»; e como somos dos que entendem que se torna dispensavel a «instrução religiosa» para a formação do carácter do indivíduo, e como temos combatido e cotinuaremos a combater a imposição official dêsse ensino, sentimo-nos despeitados nos nossos princípios ao desejar-se attribuir (embora encobertamente) ao Estado e aos não de bem... com Deus todo o mal insuflado á sociedade, todas as táras e instintos que sujam cérebros degenerados.

Pretender medir pela mesma raze quem é alheio ás formas inferiores da religião — porque as acham fundadas na superstição e na ignorancia —, é querer explorar fins politicos, é provocar a insistencia para o conflito e é mostrar quão odiosa é a máscara dos católicos.

Não só pelo «Conquistador»; mas por todos aqueles que não uzam da alfinetada quando o criminoso, que tem instrução religiosa, pratica simplesmente... *um acto lamentável* como o praticado pelos muitos Melos.

*A' bon entendeur... salut.*

**Dr. Guilhermino Rodrigues**

Para Folhadela, de Vila Real, partiu ha dias o velho republicano, Dr. Guilhermino Rodrigues, acompanhado de S. Ex.<sup>ma</sup> Esposa, filhos e nora, que ali foi convallescer.

Esperando que regresse de perfeita saude, apresentamos-lhe os nossos cumprimentos de despedida bem como á sua Ex.<sup>ma</sup> familia.

**GRAFONOLAS** e discos Homocord, Odeon e outros, últimas novidades, e agulhas próprias para todos os sons, vendem-se na **Casa de Santa Teresinha**, Rua da República, 122.

censearam a macabra scena, tendo merecido justos reparos aos srs. Aquistas que presenciaram a barbara agressão, a attitude do sr. Regedor que impassível assistiu a tudo, protegendo os discolos por serem seus amigos. Há até quem diga que pessoas bem conhecidas pelo seu destaque politico actual e até a própria autoridade tiveram conhecimento prévio de tudo.

Como o assunto está entregue a quem de direito, para o procedimento criminal, abtemo-nos de comentários para não prejudicar a acção da Justiça.

Queremos porém mais uma vez chamar a esclarecida attenção do Ex.<sup>ma</sup> Sr. Administrador do Concelho, para que ponha immediato cõbro a êste estado de coisas que pode amanhã ocasionar graves acontecimentos e nos envergonha perante a distinta colônia termal que vai pensar que as Taipas são uma terra de selvagens.

E' preciso que as autoridades locais tenham prestígio, isenção, energia para reprimir abusos de linguagem, desordeiros, assaltos, ofensas á moral pública que constantemente ali se cometem, com criminosa tolerância de quem os deixa coibir.

**A' volta dum acontecimento**

**O oitavo centenário da Batalha de S. Mamede**

Continuado do n.º 191

A gente de armas que, da facção da rainha leonêsa, o acompanhava, prometeu ajuda-lo, censurando asperamente as veleidades da sua soberana, a inconstância do seu génio feminino. Mas D. Henrique só podia contar com esta gente enquanto a harmonia dos dois conjuges durasse. Porque os castelhanos e leoneses, mormente o clero, foram sempre inimigos daquêlle matrimonio. Porisso, D. Henrique contara unicamente com os seus recursos. A ruptura de amizade entre os insofridos principes seria infallível. Restava-lhe apénas uma coisa: tenacidade. Reünindo forças, tinha um caminho: guerra aberta contra o primeiro que ousasse disputar-lhe o dominio do seu condado. E D. Henrique, apesar da já avançada idade, podia arrostar com todos os perigos.

Ai dos vencidos nessa luta homérica! Que de vinganças e de horrosas sombras se não cruzariam na alma daquele velho gamo borgonhês!

D. Henrique esboçou ainda algumas tentativas. Porém, nada importante além do cerco de Carrion. Assistiu, não obstante, ao desencadear da ira entre os reais consortes, aquela troca facil do beijo pelo ferro, da caricia pelo mau trato. Assistiu como o espectador que aneia o momento de escolher o melhor bocado. Qual seria afinal o seu intento?

A Historia di-lo-hia se a morte o não surpreendesse junto aos muros de Astorga.

Foi no 1.º de Maio de 1114 ou, segundo outros no 1.º de Novembro de 1112. A data é muito duvidosa como a idade de 77 anos que alguns historiadores lhe dão. «Ele teria nascido, por êsse calculo — observa Herculano — em 1037, pouco mais de 30 anos depois do nascimento de seu avô Roberto, o que torna essa data quasi impossivel, tanto mais se nos recordarmos de que êle era 4.º filho de Henrique e êste o segundo daquêlle principe».

O que é certo, o que é negavel, é o quinhão de glória admiravel que D. Henrique toma na Historia Portuguesa.

A êle, mais que a ninguem, se deve a nossa independencia. Como seria possivel a pelea de S. Mamede sem os premeditados passos que a sua astúcia guiou?

D. Teresa seguira em parte a sua obra. E D. Afonso Henriques aproveitou o trabalho de ambas para alicerçar solidamente a nossa Nacionalidade. D. Henrique semeou e seu filho, com alguns expedientes afortunados, colheu o fruto de tão árduo trabalho.

Que significariam as espadas do rei conquistador e dos seus valentes irmãos de armas sem o amparo moral da reincidencia anterior? Levantadas, podiam significar uma rebelião vulgar e debeladas consequentemente á maneira de tantas outras. E' que os próprios estrangeiros concebiam a hipótese dum Portucale livre.

Porisso opinam muitos historiadores que foi evidentemente D. Henrique o fundador do Portugal.

(Continúa).

**Cine ao ar livre**

Encerrou na Parada dos Bombeiros Voluntarios o *Cine* ao ar livre por razões de tempo e o que contribuiu em parte para a falta de concorrência áquele divertimento.